

ROMANCE HISTÓRICO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO *A MÃE DA MÃE DA SUA MÃE E SUAS FILHAS*, DE MARIA JOSÉ SILVEIRA

HISTORICAL ROMANCE: CONSIDERATIONS ABOUT THE BOOK *A MÃE DA MÃE DA SUA MÃE E SUAS FILHAS* (2002), BY MARIA JOSÉ SILVEIRA

Alex Viana Pereira (PPGL/UFPR)¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é tecer breves considerações sobre o romance histórico “A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas”, de Maria José Silveira. Publicado pela primeira vez em 2002, pela editora Globo, o livro é narrado sob o prisma de vinte gerações de mulheres (indígenas, cafuzas, negras e brancas) e aborda diversos temas voltados para o que foi (ou poderia ter sido) o processo de colonização no Brasil. À luz dos estudos de Holanda (1995), Anderson (2007), Jameson (2007), Carlos Reis (2018), entre outros, este texto preocupa-se também em ressaltar os reflexos da colonização na formação da sociedade brasileira presentes na obra de Silveira. Assim, observa-se que as personagens e suas famílias são atravessadas por transformações políticas, sociais e econômicas que vão se atualizando a cada capítulo da obra e moldando o Brasil que conhecemos hoje. Em suma, os resultados apontam que o livro se caracteriza como romance de família, uma versão do subgênero romance histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Romance histórico; Romance de família; Colonização; Mulheres.

ABSTRACT: The objective of this work is to make brief considerations about the historical novel “A Mãe da Mãe da Sua Mãe e sua Daughters”, by Maria José Silveira. Published for the first time in 2002 by publisher Globo, the book is narrated from the perspective of twenty generations of women (indigenous, black and white) and addresses several themes focused on what was (or could have been) the colonization process in Brazil. In light of studies by Holanda (1995), Anderson (2007), Jameson (2007), Carlos Reis (2018), among others, this text is also concerned with highlighting the effects of colonization on the formation of Brazilian society present in the work of Silveira. Thus, it is observed that the characters and their families are going through political, social and economic transformations that are updated with each chapter of the work and shape the Brazil we know today. In short, the results indicate that the book is characterized as a family romance, a version of the historical romance subgenre.

KEYWORDS: Historical novel; Family romance; Colonization; Women.

INTRODUÇÃO

A partir da vida de vinte gerações de mulheres (indígenas, cafuzas, negras e brancas), Maria José Silveira apresenta em *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002) um retrato panorâmico do que foi (ou poderia ter sido) a colonização no Brasil. Consequentemente, estão presentes no romance reflexões históricas sobre as transformações políticas, sociais e econômicas que atravessam a vida das personagens que participam da construção do país.

¹Doutorando em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: alexviana742@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/7646256412619667>

A autora se vale de uma imaginação histórica constituída a partir de sua subjetividade (Ludmer, 2010), já que não vivenciou os fatos, bem como de fontes documentais, para criar, escrever e preencher as lacunas da história e dos rumos da linhagem da família de mulheres cuja trajetória começa no dia 21 de abril de 1500, com o nascimento de uma indígena tupiniquim, chamada Inaiá (a origem), e a chegada pouco tempo depois de um marujo português de nome Fernão na Terra dos Papagaios².

Diante disso, considera-se que o livro de Silveira está entre os romances contemporâneos brasileiros escritos no começo do novo milênio que, como diz Anderson (2007), lidam com a história. Nele, literatura e história estão ligados por laços que buscam ressaltar, sobretudo, o poder de fala da mulher. Desbravando o Brasil profundo, a escritora busca divulgar dessa vez o protagonismo das mulheres da família, visão muitas vezes deixada de lado na história dita oficial, principalmente se tratando de mulheres negras e/ou indígenas, pois sabe-se que esses grupos só recentemente começaram a falar por si mesmos e a tornarem-se agentes participativos da história, inclusive no campo estético-literário-cultural (Dorrigo, 2018).

A obra está dividida em cinco partes, a saber: “Brevíssimo encanto”, “Desolada amplidão”, “Esplendor improvável”, “Viciosa modernidade” e “Signo de lucro”. O romance se passa ao longo de cinco séculos, percorre várias gerações de mulheres fortes, lutadoras, covardes, alienadas, loucas e assassinas, e se encerra em 2002, com a história de vida de uma jovem estilista chamada Maria Flor, que junto com a sua família atravessa momentos conturbados, como a Ditadura Militar de 1964, e nos mostra a degradação e mazelas de um país que continua dando errado desde o período colonial.

Antes de seguir com as considerações, faz-se necessário dizer que em 2019 a editora Globo Livros lançou uma segunda edição da obra com um capítulo extra, mas não vamos nos ater a ele, apenas na primeira edição do romance, publicado em 2002.

À vista do exposto, este texto se preocupa em ressaltar os reflexos da colonização na formação da sociedade brasileira através da obra *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), de Maria José Silveira. Nesse ínterim, levando em consideração, também, que a narrativa toma a feição de *romance de família* (Reis, 2018), lançado no século XXI, busca-se apreender se a obra se constitui como uma versão do subgênero romance histórico.

BREVE ANÁLISE DO ROMANCE

² Uma referência ao Brasil inspirada na arara-canindé que tem as cores da bandeira brasileira e era muito comum na época da chegada dos colonizadores.

Maria José Silveira nasceu em Jaraguá, Goiás, e mora em São Paulo. É graduada em Comunicação pela UNB e Antropologia pela Universidade de Lima, Peru, com mestrado em Ciências Políticas pela USP. Foi socio-fundadora da Editora Marco Zero, em 1980, da qual foi também diretora até 1998, quando decidiu largar tudo e se dedicar totalmente à literatura. Atualmente é autora de aproximadamente seis romances, entre eles: *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), *Eleanor Marx, filha de Karl* (2002), *O Fantasma de Luis Bunuel* (2004), *Guerra no Coração do Cerrado* (2006), *Com esse ódio e esse amor* (2010), *Pauliceia de Mil Dentes* (2012) e *Maria Altamira* (2020). Além disso, escreveu contos, crônicas e mais de vinte obras infantojuvenis³.

Seu livro de estreia foi *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), pelo qual recebeu o prêmio APCA 2002 Revelação⁴. Trata-se de um romance narrado pelo prisma das mulheres. No decorrer da leitura, nota-se que a obra insere a mulher como agente participativo da História e as coloca como figuras importantíssimas para a construção do Brasil. Ao todo, são vinte gerações de mulheres que vivem em épocas e contextos históricos diferentes, desbravando várias regiões do país que vinham se formando após a chegada dos portugueses, em 1500.

Diante da sequência de gerações, a obra *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002) pode ser classificada, conforme a expressão de Carlos Reis (2018), como *romance de família*, pois centra-se num percurso coletivo, em que se observa o fluir de várias gerações representadas por figuras destacadas em cada uma dessas gerações.

A cada capítulo do romance lemos uma história completa de vida, de muita luta, determinação, inseguranças, força, resistência, conquistas, derrotas, felicidades e tristezas. Dessa maneira, fica evidente que a narrativa é feita de contrastes, aspecto que o narrador deixa claro logo no começo da obra, por meio de suas considerações sobre as histórias.

O assunto é delicado, a família é complicada, e nem tudo foi beleza nesta história. Houve, claro, felicidades e amores, muitas lutas e conquistas, grandes realizações – afinal, elas ajudaram a construir quase do nada este país. Mas houve também loucas, assassinas, muitas desgraças e tristezas. Grandes dores. Muitas mesmo (Silveira, 2002, p. 11).

Apesar do longo percurso histórico que o livro tenta dar conta, os capítulos são rápidos e o Brasil vai se formando diante dos nossos olhos. Neste ponto, o romance apresenta como pano de fundo diversos acontecimentos históricos, como a invasão dos portugueses, a exploração do pau-brasil, a época dos engenhos e do ouro, entre outros eventos. Dito de outro

³ Cf.: <https://mariajosesilveira.wordpress.com/about/>

⁴Cf.: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u29349.shtml>

modo, vamos ver surgir o país no litoral da Bahia, Sudeste, Nordeste, Salvador, sertões do Brasil, bem como vamos assistir a invasão holandesa, a descoberta das Minas Gerais, o desenvolvimento da primeira Capital do Brasil (Rio de Janeiro), a febre do café em São Paulo, a construção de Brasília, a Ditadura Militar etc.

Nesse contexto, estão presentes diferentes povos, como os indígenas, portugueses, africanos, franceses, alemães, entre outros que juntos vão formar a tal miscigenação brasileira. É um tema interessante para Maria José Silveira, que em entrevista concedida ao canal *Etudes Lusofones*⁵, deixou claro que o romance em questão foi inspirado em uma pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, que saiu no quinto centenário do Brasil – e afirmava que dois terços dos brasileiros são descendentes da mãe indígena ou negra e o pai viria da Europa. A autora achou esta informação interessante e decidiu escrever sobre como poderia ter ocorrido essa história, pois a miscigenação, resultado da colonização, começou em algum lugar.

Mariléia Gärtner (2006), em seu estudo intitulado *Mulheres contando história de mulheres: o romance histórico brasileiro contemporâneo de autoria feminina*, acrescenta que as aproximações das festividades de cinco séculos do “descobrimento” da América colaboraram para a efervescência em torno das ficções com temáticas históricas no Brasil, contribuindo para a promoção de outros discursos que evidenciam o poder de fala dos sujeitos à margem da sociedade.

Voltando as considerações sobre a miscigenação, o romance *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), porém, apresenta de forma idealizada a primeira relação entre uma indígena e um europeu (o que nos faz lembrar bastante o romance indianista “Iracema” (1865), de José de Alencar). Trata-se de Inaiá e Fernão que se apaixonam e dão origem à árvore genealógica das mulheres protagonistas da história. Contudo, faz oportuno lembrar que historicamente a miscigenação não foi pacífica, mas nasceu do estupro de mulheres indígenas e negras escravizadas no período colonial.

Nesse interim, é importante dizer que a literatura não trabalha necessariamente com o falso, mas com o verossímil, com a impressão da verdade, ou ainda com a possibilidade. Para tanto, é possível imaginar que a primeira relação entre uma indígena e um europeu tenha sido consensual, por mais que soe politicamente incorreto diante da ascensão dos estudos pós-coloniais e decoloniais, por exemplo.

⁵ Cf.: <https://www.youtube.com/watch?v=YrS2E5m1o9k>

No campo ficcional, Silveira (2009) lembra que o compromisso do escritor é com a qualidade da literatura e não com a verdade factual. Mas é preciso que ele apresente sua invenção de tal forma que crie a chamada “suspensão da descrença”, fazendo o que todos sabem que é “mentira” passar por verdade.

Para isso, ele tem a liberdade que o historiador não tem. Para o ficcionista, tudo – ou quase tudo – é permitido. Sem pudores e sem pedir licença, ele vai entrando nas intimidades, nos bastidores e cantos ocultos, no “hardcore” da alma humana, e de lá volta preenchendo sombras e vazios, articulando os comportamentos sociais e culturais de uma época, conferindo inteligibilidade à trama dos eventos, ideias e episódios. A imaginação abre para o ficcionista uma porta por onde o historiador, com a carga de seus métodos, não pode passar. É por essa porta que o escritor penetra na subjetividade de seus personagens e tenta chegar ao fundo do seu poço de desejos, necessidades, e inquietações mais íntimas. Essa é sua prerrogativa, e é por onde ela se separa da História e segue seu caminho único, o da linguagem. Isso faz parte do jogo mágico entre a literatura e seu leitor e, sem isso, ela não é literatura (Silveira, 2009, online).

Em conformidade, Nunes (2011) elucida que o autor tem toda a liberdade de criar a sua própria versão da história, seja a partir do exercício puro e simples da imaginação, seja a partir de pesquisas históricas em documentos que servem de base para a composição do enredo. Assim fez Maria José Silveira que se valeu de diversos textos documentais para produzir sua obra, como fica claro na bibliografia geral do romance, ou no próprio transcorrer da narrativa. A autora interage com várias áreas do conhecimento, aspecto que faz parte do panorama das relações da ficção (Weinhardt, 2019).

Grosso modo, entramos na seara do romance histórico que busca apresentar o antes e o depois. Articula passado, presente e futuro. Em outras palavras, aponta uma crítica para o futuro. Conforme Mariléia Gärtner (2006), o romance histórico contemporâneo não é simplesmente a revificação do passado, como algo imobilizado pela história, mas uma revisitação que usa trajes e ideias do presente.

Nessa direção, em *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), Silveira parte de uma inquietação atual para questionar o passado e convidar o leitor a reconstruir a história de forma mais comprometida, inserindo dessa vez o ponto de vista das mulheres sobre a formação histórica do Brasil, contribuindo para a recuperação de outros discursos, dando voz aos silenciados e colonizados, numa espécie de reação contra a sociedade hegemônica.

Em Jameson (2007), vamos ver que para se analisar um romance histórico é preciso identificar o aspecto histórico central que norteia a obra. Em *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), este estudo sugere-se que esse eixo principal seja a invasão/colonização do Brasil que, conseqüentemente, abre espaço para o surgimento de outros acontecimentos que atravessam a vida das personagens de várias formas ao longo da narrativa.

No romance de Silveira, a partir da história de vida das mulheres da família, vislumbramos a ambição da Coroa portuguesa em surrupiar o máximo de riqueza da Colônia, assistimos à dizimação dos nativos, o tráfico negreiro, a vida nos engenhos e a exploração dos recursos naturais. Como podemos verificar, por exemplo, no fragmento a seguir da obra:

Os adultos da tribo agora passavam boa parte do tempo cortando as árvores do pau vermelho, o pau-brasa, o magnífico pau-tinta que iria tingir as roupas da moda na Europa [...]. Se Inaiá vivesse um pouco mais do que viveu, veria como dia a dia iriam se extinguindo essas árvores [...] que abundavam por onde ela passava na infância (Silveira, 2002, p. 21).

Em seguida, acompanhamos a trajetória dos bandeirantes, garimpeiros e capitães do mato povoando as regiões inóspitas do Brasil. Dessa forma, nota-se que a paisagem, pouco a pouco, vai mudando, do Brasil Império para a República. Mais adiante, as histórias perpassam pelo tenentismo, o regime liberal populista, os anos de repressão da ditadura militar e as mazelas da vida moderna, como a criminalidade nas grandes cidades, a miséria, fome, as novas doenças e selvageria de quem tem muito e de quem nada tem.

Além disso, o romance retrata como reflexo da colonização do Brasil a violência física e simbólica contra os povos originários, que antes da chegada dos portugueses viviam em tranquilidade, e “embora as guerras com outras tribos acontecessem, eram como parte da ordem natural das coisas e não perturbavam o cotidiano sem grandes dramas de Inaiá” (Silveira, 2002, p. 19), a principal representante dos indígenas no romance.

Nesse diapasão, retomo o pensamento de Jameson (2007, p. 192) ao acrescentar que “o romance histórico não deve mostrar nem existências individuais nem acontecimentos históricos, mas a interseção de ambos: o evento precisa trespassar e transfixar de um só golpe o tempo existencial dos indivíduos e seus destinos”. Dentro desse contexto, podemos notar em *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), que os efeitos dos acontecimentos históricos influenciam diretamente na vida das personagens.

Por exemplo, nota-se que Inaiá (1500-1514) presencia a chegada dos portugueses. Damiana (1789-1822) participa do movimento pela independência do país. Diva Felícia (1876-1925), conforme a imaginação, história presente na obra, influencia com suas fotos a arte de Tarsila do Amaral. Já Lígia (1945-1971), é torturada e morta na Ditadura militar. Maria Flor (1968), por sua vez, presencia as mazelas sociais que são consequências desse país que já “nasceu” errado.

Isso nos faz lembrar dos estudos de Holanda (1995) que já expunha que os problemas atuais do Brasil têm origem e são consequências do período colonial. Para este autor, o período de colonização e seu bojo de exploração, escravização e usurpação no/do território brasileiro

refletem na construção da identidade dos sujeitos e da sociedade, bem como na formação social, cultural, política e democrática do país, entre outras características.

Dito de outro modo, Holanda (1995) discute e reflete amplamente em seu texto os aspectos históricos, econômicos, políticos e culturais do Brasil. Conforme o autor, as mazelas sociais, o trabalho em condições precárias, o preconceito social e a discriminação étnico-racial que atinge os povos politicamente minoritários (mulheres, indígenas, negros, entre outros) são exemplos e consequências da velha ordem patriarcal e colonial.

Seguindo essa linha de raciocínio, fica claro no romance que as personagens são de fato atravessadas pelos acontecimentos históricos que tem ligação direta e indireta com o processo de colonização do Brasil. Ainda, seguindo esse pensamento, verifica-se que no decorrer do romance as personagens vão se desconectando de suas ancestralidades, como é notório no seguinte excerto,

Quanto a Jacira, também lhe parecia natural a ideia de que o índio estava mais perto de um bicho do que deles. Essa geração de brasileiros, nem bem dois séculos tinham se passado, e já havia por completo se esquecido de quem descendia. Além de não reconhecidos como parentes, os índios eram temidos e, pior, desprezados. Se dissessem a Jacira que tinha sangue índio correndo em suas veias, se lhe falassem de Inaiá, Tebereté e Sahy, seu espanto não caberia nos profundos olhos negros. O que todos pensavam na época é que o mundo era assim: o branco no mando, o escravo no trabalho, e o índio e o bicho no mato (Silveira, 2002, p. 183-184).

De tal modo, dentro da reflexão histórica que podemos fazer sobre o romance, compreende-se que as personagens são vítimas de um colonialismo ferrenho que de tanto negar a sua existência como mulheres indígenas e negras, as faz esquecer a própria origem e identidade. Nesse sentido, ser indígena no Brasil é um ato (involuntário) de resistência, pois até hoje surgem discursos que defendem a ideia de que lugar de “índio de verdade” é no mato, isolado e sem direito algum.

Para finalizar, ressalta-se que no romance, Inaiá, Maria Mb'ta e Maria Flor tem “uma marca de nascença, um triângulo escuro no começo da nuca, com o vértice virado para a esquerda” (Silveira, 2002, p. 22). Diante de tantas gerações apresentadas na obra, supõe-se de forma simplista, pois a simbologia do triângulo possui diversos significados, onde a escritora usa essa marca para lembrar a ancestralidade dessas mulheres, ou mesmo para fazer referência ao rechaçado “mito das três raças”, que diz que a cultura e a sociedade brasileira foram formadas a partir da influência europeia, africana e indígena. Os três eixos principais ressaltados durante todo o romance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), de Maria José Silveira, assistimos o “protagonismo” de vinte gerações de mulheres indígenas, cafuzas, negras e brancas na formação da sociedade brasileira. A obra apresenta um retrato panorâmico do que foi ou poderia ter sido a colonização no Brasil.

A partir dos estudos de Anderson (2007), Jameson (2007) e Ricardo Reis (2018), compreendemos ainda que a obra de Silveira toma feição de romance de família, uma espécie de subgênero do romance histórico contemporâneo. Em *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), observamos também que literatura e história se entrelaçam numa tentativa de destacar o poder de fala da mulher, que na maioria das vezes não aparecem na História oficial, mas efetivamente tiveram papéis importantes na formação da sociedade brasileira.

Assim, nota-se que a autora se preocupa em inserir as mulheres como agentes participativas da História do Brasil, atravessadas por diferentes contextos históricos que vão desde a chegada dos portugueses, em 1500, à Ditadura Militar de 1964 e o início do novo milênio. Entrando na seara do romance histórico, Silveira articula passado, presente e futuro com o objetivo de convidar o leitor a questionar a história e reconstituí-la de forma mais comprometida, inserindo vozes que outrora foram excluídas, como por exemplo, as mulheres negras e indígenas. Em *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), Silveira recupera discursos silenciados como estratégia de reação à sociedade patriarcal e hegemônica.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 77, p. 205-220, 2007.

GÄRTNER, Mariléia. *Mulheres contando histórias de mulheres: o romance histórico brasileiro contemporâneo de autoria feminina*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? *Novos Estudos*, São Paulo, n. 77, p. 185-203, 2007.

LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. *Sopro*, Desterro, SC, n. 20, p. 1-6, 2010.

NUNES, Maria Eloisa Rodrigues. *Romance histórico contemporâneo: com a palavra, a mulher*. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

REIS, Carlos. *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018.

SILVEIRA, Maria José. *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*. São Paulo: Globo, 2002.

SILVEIRA, Maria José. A personagem invisível. *Blog de Maria José Silveira*, 2009. Disponível em: <https://mariajosesilveira.wordpress.com/artigos>; Acesso em: 15 de jun. 2022.

Recebido em: 29/11/2023

Aprovado em: 15/12/2023

Publicado em: 09/04/2024



10.29281/r.decifrar.2023.3a_5